



TRAVAR A BATALHA contra a alta dos preços!

Pouco mais de três meses se passaram desde que M. Caetano e Xavier Pintado prometeram melhorar o abastecimento do mercado e desencadear a «guerra» contra a alta dos preços.

Verificou-se acaso alguma melhoria de então para cá? Os factos aí estão a demonstrar que não. Mesmo na chamada Assembleia Nacional um deputado foi forçado a constatar que «o consumidor enfrenta a alta constante dos preços».

O mercado continua mal abastecido de alguns produtos essenciais e continuaram a aumentar os preços de outros.

Numa tentativa para esconder a alta dos preços do peixe, o governo manipula nalgumas lotas com variedades de baixa qualidade (chicharro, carapau negro, sarda, cavala, etc.) médias de preços baixíssimas. Com isto M. Caetano e Pintado procuram confundir o público que protesta contra a alta do custo de vida, travar a luta dos trabalhadores por aumento de salários e contra a carestia da vida. O preço das variedades de média e boa qualidade é simplesmente incomparável para a bolsa dos trabalhadores.

As rendas de casa continuam a subir. Em Viseu, por exemplo, senhorios exigem 62% de aumento. Em Cascais, a água sofreu um aumento de 10%, e em Guimarães de 40%.

Aumentaram também alguns medicamentos e os livros escolares e tudo indica estar para breve um substancial aumento dos serviços postais, ainda há pouco fortemente agravados em relação às (cont. na 2ª pág.)

Um mesmo inimigo UMA MESMA FRENTE

O governo de M. Caetano vem facilitando de há tempos a esta parte aos capitalistas portugueses a importação de mão de obra barata das colónias de África. Trabalharão em Portugal já mais de 10.000 trabalhadores africanos, em especial caboverdeanos, os quais se debatem na sua terra numa miséria atroz. Os trabalhos que lhes são destinados são dos mais baixos e duros: varredores, limpeza de navios, minas, etc., e os salários naturalmente são também mais baixos do que os que são pagos aos trabalhadores portugueses.

Depois de ter provocado a emigração em massa dos trabalhadores portugueses, verdadeira fuga aos baixos salários e à miséria, não resta dúvida que o governo de Caetano procura agora importar das colónias, é o termo, mão de obra ainda mais barata que a dos trabalhadores portugueses. A estes cabe o dever de praticarem a mais ampla solidariedade para com os trabalhadores africanos, lutarem ombro a ombro com eles pelas reivindicações comuns, exigirem condições de trabalho dignas, igualdade absoluta de situação, salários, previdência, etc., entre trabalhadores africanos e portugueses.

Na luta contra o capital, a exploração e a opressão só deve haver uma frente: a frente dos trabalhadores portugueses e africanos. Unir, pois, uns e outros contra o mesmo inimigo.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!

APÓS O 31 DE JANEIRO

Em direcção à Unidade ORGANIZAR NOVAS ACCÇÕES COMUNS!

Se bem que limitadas, ao Norte, as comemorações do 31 de Janeiro deste ano (romagens e lantares-debate) tiveram um significado político importante para o movimento democrático nacional devido ao carácter unitário de que se revestiram.

Com efeito, nomeadamente no PORTO, BRAGA e AVEIRO, encontraram-se de novo lado a lado, confraternizando, democratas de várias correntes. A decisão de comemorarem em comum aquela data histórica virados para o presente pode bem ser o primeiro passo dado para uma colaboração política activa visando iniciativas comuns por objectivos concretos e imediatos, mesmo parciais. Na nossa opinião, é esta a via mais indicada para se ir reforçando e alargando a unidade antifascista desejável e necessária para conduzir o povo português de batalha em batalha à vitória final sobre o fascismo, à conquista da liberdade política.

Os esforços que vêm sendo desenvolvidos em vários distritos — LISBOA, PORTO, BRAGA, AVEIRO, — no terreno da organização, com o objectivo de reforçar e alargar as estruturas legais existentes do movimento democrático e criar outras, são de assinalar como um bom indicativo da vontade unitária e da combatividade de largos sectores democráticos.

A estruturação do movimento democrático em bases sólidas, a ser numa diversificada rede de comissões democráticas, é de facto condição sem a qual é difícil, sendo impossível, mobilizar as massas populares, unidas e orientadas nas acções diárias pelas reivindicações democráticas da Oposição.

Para dar os frutos necessários em curto espaço de tempo, esta actividade organizativa e unitária deve ter sempre, porém, a orientação de um espírito aberto, sem sectarismos de qualquer espécie, e no mesmo tempo de combate intransigente contra todas as tendências oportunistas de direita que a mimdo procuram arrastar o movimento democrático para a passividade, para itusórios emulhões como, por exemplo, colaboração com a SEDES, alianças com «dissidentes» do regime, posições equívocas em relação a alguns dos grandes problemas nacionais.

Unidade aberta e franca, sim, mas actuante e dinâmica. Uma unidade simplesmente pela unidade, sem princípios e sem objectivos claros para a acção prática imediata apenas conduziria à passividade e ao retrocesso do movimento democrático.

Uma unidade forjada na acção e para a acção é aquela para que se continuando a orientar sem desvios todos os esforços e actividade prática do Partido Comunista Português.

SEMEANDO VENTOS o governo colherá tempestades

O decreto 520/71, pelo qual o governo se atribui novos instrumentos de controle e repressão das cooperativas, é mais um dado revelador do deliberado propósito da camarilha fascista de tapar todas as frestas por onde possa ainda manifestar-se a vontade popular e nacional.

O novo decreto está na linha das medidas restritivas do direito de reunião nos sindicatos nacionais, da proibição das reuniões inter-sindicais, das manobras tendentes a sufocar toda a actividade sindical, dos novos entraves postos à constituição de organizações da juventude e às reuniões e actividades juvenis a partir da criação do chamado «Secretariado para a Juventude», das perseguições às Associações de Estudantes, do férreo controlo a que, cada vez mais, estão sujeitas as colectividades populares e as associações de cultura, de recreio e desportivas, da proibição das comissões democráticas, da repressão de praticamente todas as reuniões políticas que não sejam as promovidas pelo partido único fascista — ANP.

O novo decreto insere-se no clima de terror que o governo de M. Caetano tem vindo a instaurar no país, mês após mês, em que avultam a vaga de prisões do verão passado, as torturas selváticas infligidas aos presos políticos, as medidas de excepção e de estado de sítio de facto, a mobilização militar dos hospitais de Lisboa, as ameaças constantes de novas operações repressivas.

* * *

O decreto 520/71 suscitou um largo movimento de resis-

tência por parte de milhares de sócios das cooperativas, da opinião democrática e liberal, da própria imprensa censurada.

Vinte e sete cooperativas, abarcando dezenas de milhar de sócios, de Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu, Ponta Delgada, Alverca do Ribatejo, Amadora, Peniche, Póvoa de Varzim, Queluz, Vila Franca de Xira, Zambujal, tornaram público um comunicado em que denunciavam o carácter repressivo do decreto e afirmam que «a única medida capaz de salvaguardar os interesses das cooperativas, evitando a sua submissão a um regime de dependência, é a imediata revogação do decreto-lei n.º 520/71».

A direcção da UNICOPE, organização que agrupa 85 cooperativas de consumo e mais de 70 mil famílias, manifestou-se em aberta oposição ao decreto.

Os deputados que exigiram que o decreto fosse objecto de debate na Assembleia Nacional fascista e os que aí reclamaram a sua revogação refletiram este movimento de resistência e um deles, o Dr. Miller Guerra, fez-se eco das desilusões que atingem alguns sectores que têm apoiado M. Caetano, quando afirmou: «parece que já não bastam as leis vigentes, a censura e a polícia política. De que mais precisa o sr. ministro do Interior?»

No momento em que a A.N. fascista discutia o decreto, o governo de M. Caetano, revelando um desprezo completo pelas aparências da legalidade fascista e com uma inépcia que se vai tornando demasiado frequente para ser fortuita, saiu com uma nota (cont. na 4ª pág.)

1º DE MAIO

Já não é cedo para iniciar a discussão em todos os organismos do Partido e com os trabalhadores, nas empresas, das medidas a adoptar para que o Dia dos Trabalhadores seja uma grande jornada de luta por aumento de salários e contra a carestia de vida, pela liberdade sindical, pelo direito de reunião, associação e expressão do pensamento, contra a guerra colonial, contra a dominação imperialista sobre o nosso País; uma jornada de solidariedade internacionalista com o povo do Vietnam e os outros povos da Indochina, com os povos das colónias portuguesas.

A experiência do 1º de Maio de 1971, no Porto, analisada no n.º 172 de «O Militante» contém úteis ensinamentos, que os organismos partidários deverão ter presentes na preparação do 1º de Maio de 1972.



Por uma jornada de combate NO 8 DE MARÇO!

Na passagem do 8 de Março, Dia Internacional das Mulheres, o «Avante!» saúda as mulheres portuguesas, que ao longo dos anos da ditadura fascista nunca deixaram de manifestar o seu amor à Liberdade e à Paz, exortando-as a fazerem deste dia uma nova jornada de luta pela conquista dos seus direitos.

Que nas empresas, em todos os locais de trabalho e nos Sindicatos Nacionais, com abaixo-assinados, concentrações e outras formas de acção, as trabalhadoras se manifestem contra a exploração capitalista e pela rápida satisfação das suas justas reivindicações!

Que o descontentamento das mulheres contra a subida incessante do custo de vida fique bem expresso nos mercados, noutros locais de compra, junto das autoridades administrativas!

Que nas câmaras municipais, nas juntas de freguesia, junto das autoridades administrativas, etc., levem a cabo amplas acções pelo respeito dos direitos das mulheres, na sua condição de mães e de trabalhadoras, exigindo a construção de creches e de jardins de infância!

Que o ódio das mulheres portuguesas às criminosas guerras coloniais fique bem expresso, das mais diferentes maneiras, em todas as acções realizadas no dia 8 de Março!

Que nas escolas e noutros locais adequados, as estudantes, as trabalhadoras intelectuais e as mulheres progressistas de todos os sectores desenvolvam as mais variadas acções em defesa dos seus interesses específicos, da instrução e da cultura!

Que nas comemorações do dia 8 de Março as mulheres portuguesas manifestem o seu apoio solidário às suas irmãs de Angola, Guiné e Moçambique e às mulheres do Vietnã heroico e tomem medidas tendentes ao reforço dos laços de amizade e solidariedade com as mulheres de moeratas do mundo inteiro, designadamente com as mulheres soviéticas e dos outros países socialistas!

Que todas as iniciativas das mulheres encontrem o apoio activo e solidário dos seus companheiros de trabalho, da juventude e de todos os sectores do movimento democrático!

Avante, por uma jornada de combate!

Cuidado com eles!

SERVEN A PIDE-DGS.
Um indivíduo chamado LÍCINIO PASSOS, vendedor da firma Anters Lindley, Lda - Rua Sá da Bandeira, 706, 4.º Esq. no Porto, Antigo boqueir, e instrutor de box da PSP do Porto e do Clube Flúcial Português; é baixo, entroncado, moreno.

O REITOR do liceu de Mo. oinhos. A mulher deste, ENGRÁCIA DOMINGUES, reitora do liceu Carolina Michaelis (Porto) segue-lhe as pisadas.

O REITOR do liceu Garcia da Horta, VASCO RODRIGUES tem um comportamento policial pidesco. Está na base da recente expulsão de seis estudantes daquele liceu.

travar a batalha contra a alta dos preços!

(cont. da 1.ª pág.)
encomendas.

Da incompetência à especulação

Num passado bem recente, as trombetas da propaganda do regime anunciavam aos quatro ventos que as medidas «heroicas» tomadas para desenvolver a pecuária estavam a produzir efeitos espectaculares, prevendo mesmo para breve a possibilidade de se exportar carne. Exportary sim, senhores!

Como tão sábias previsões não assentavam numa base sólida, isto é, numa completa transformação das estruturas agrárias, o resultado tinha de repetir-se: agravamento da crise, desorganização da produção e comercialização da carne, sua escassez mesmo em regiões tradicionais de boa produção. E de novo a repetição das negociações dos apaniguados do regime com a importação de grandes quantidades de carne congelada paga por preços superiores àqueles que se impõe à produção nacional, para depois ser vendida mais barata ao público. Querendo explicar o facto, o governo proclamou que com isso procurava evitar a subida «exagerada» dos preços, quando na realidade com os preços políticos que vem praticando há dezenas de anos (isto é, vender abaixo do custo) serve apenas os interesses dos monopólios e grandes agrários, quer porque são eles a receber a parte de leão dos subsídios do Estado, quer porque lhes facilita a manutenção de salários baixos. A verdade, porém, é que o povo laborioso paga sempre a diferença através de impostos e taxas variadas. E se quiser carne e outros produtos frescos e de boa qualidade terá de os pagar por preços superiores aos fixados.

Em Évora e outras regiões, os grandes lavradores recusam vender as reses por preços que permitam aos talhantes cumprir as tabelas oficiais. O preço da carne de carneiro, por exemplo, aumentou no mês de Dezembro 8500 em quilos nalgumas regiões.

Vê-se assim que a especulação é fomentada pelo próprio governo de Caetano, que com ela possibilita lucros acrescidos aos monopólios e grandes agrários.

Congelar os salários Objetivo primeiro de M. Caetano

Em 1971, a alta dos preços atingiu tal nível (mais de 150% em Lisboa) que o próprio Caetano sentiu necessidade de vir deitar água na fervura com vi-ta a fazer baixar a temperatura do descontentamento popular. Os indicativos dos últimos três meses mostram cabalmente que as providências de ordem económica, financeira e social tendentes a con-

RECTIFICAÇÃO:

No «Avante!» de Dezembro noticiou-se que os jovens estudantes da Escola Industrial e Comercial de Matosinhos, para serem recebidos pelo subdirector, retiraram da sua exposição a expressão «BARRIGA VAZIA», quando tal se não verificou.

seguir, a médio prazo, a estabilização da relativa dos preços, de que se falou no Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, em 10-10-1971, não passaram de patife demagógico do governo para ganhar tempo, colocar a classe operária na expectativa, desviá-la da luta por aumento de salários.

Que este é um objetivo primeiro do governo mostra-o a intensificação da repressão dirigida contra os trabalhadores sempre que reivindicam melhores condições de vida e de trabalho; da exploração dos trabalhadores pela imposição de ritmos mais elevados de trabalho e de horas extraordinárias mal remuneradas, da propaganda ideológica tendente a perverter a consciência da classe operária com as «árias conhecidas da «harmonia de classes», dos «interesses comuns», do aumento da produtividade «para benefício de todos», etc.. Mostram-no ainda a recente lei sobre a regulamentação do horário de trabalho, toda ela cheia de alça-pões, que facilitam ao governo e ao patronato aumentarem de facto as horas de trabalho, e a tentativa desesperada de governo e patrões para reduzir os sindicatos nacionais a meros instrumentos do aparelho do Estado.

Dentro do mesmo objetivo, a camarilha caetanista e o patronato pretendem fazer crer às próprias vítimas que os aumentos de salários são a causa principal da alta do custo de vida. Ora o aumento de salários anda sempre atrás do aumento dos preços. Não bastaria, pois, estabelecer os preços, como disse Caetano na arenga de 21-10-1971: era necessário elevar simultaneamente os salários para além do nível atingido pelo custo de vida.

Tal não é, porém, o objectivo da política do governo de M. Caetano. Este visa sim, congelar os salários a um nível bastante abaixo do atingido pelo custo de vida, fazer pagar às massas trabalhadoras o custo da criminoso guerra colonial e, paralelamente, propiciar lucros de novos milhões aos monopólios sem-pátria.

A política dos monopólios Responsável pela alta do custo de vida

As enormes despesas militares e

com a chamada segurança (cerca de 15 milhões de contos num só ano), a mobilização permanente de 150.000 homens dos mais válidos para as guerras coloniais, onde nada produzem e muito destroem, são factor impeditivo do desenvolvimento económico e cultural do país e causa importantíssima da alta dos preços.

O turismo, no qual se investe quase tanto como na agricultura, deixa divisas, mas não deixa estruturas produtivas. Nas condições andrúgalas em que se tem processado o seu desenvolvimento, o turismo tem contribuído também para o aumento do custo de vida.

A emigração de centenas de milhares de trabalhadores portugueses tem trazido milhões em divisas, mas é em França, Alemanha Ocidental e noutros países que eles produzem riqueza. Em Portugal, quer a produção industrial, quer a produção agrícola não satisfazem, nem de longe, as necessidades do país. Resulta isto que os milhões em divisas enviados pelos turistas voltam aos países estrangeiros para pagar bens de consumo, de equipamento e material de guerra daí importados (mais de 18 milhões de contos no ano transato). A alta do custo de vida tem também na emigração uma das suas principais causas.

É, pois, na política antinacional seguida em Portugal por todos os governos da ditadura fascista que está a causa íntegra do atraso e dificuldades que o povo português atravessa.

Desenvolver a acção contra a carestia da vida Em todas as frentes

NAS EMPRESAS e noutros locais de trabalho, os trabalhadores devem colocar na ordem do dia o problema do aumento dos salários e do custo de vida, organizar Comissões de Unidade e passar à acção pronta junto das gerências e nos sindicatos nacionais.

NOS MERCADOS E ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, fomentar e organizar a discussão sobre a alta dos preços e suas causas, clamar, protestar. As donas de casa têm aqui um importante papel a desempenhar, havendo que mobilizá-las para a acção.

NAS RUAS, outro tanto se deve fazer. Juntar e manifestar em boa alta procurando que todos discutam sobre as causas da carestia da vida, da estagnação dos salários, do aumento dos impostos e descontos.

Se todos se manifestarem e actuarem nos locais de trabalho E DES-CEREM À RUA a manifestar-se regularmente e com determinação, o governo será forçado a tomar algumas medidas concernentes ao problema e o patronato a aumentar os salários até a um nível mais de acordo com o atingido pelo custo de vida.

LUTA ESTUDANTIL

Greve no Comercial de Lisboa BRUTAL INTERVENÇÃO DA P.S.P.

Os alunos do Instituto Comercial de Lisboa fizeram greve no dia 18 de Janeiro exigindo a presença do subdirector para lhe apresentarem o mapa de exames proposta pelos estudantes.

No dia seguinte, os alunos do Comercial foram às aulas enquanto aguardavam a decisão das autoridades escolares. Esta veio na tarde desse dia e foi negativa: No dia 20, quando se efectuava uma reunião geral de alunos para debater o problema dos exames, uma força de choque da P.S.P. investiu pelo Instituto, lançou-se com ferocidade sobre os estudantes reunidos, espancando-os brutalmente e berrando insultos

grosseiros dirigidos principalmente às raparigas.

É esta a nova «educação» que o «professor Caetano» ministra às suas «forças da ordem»!

Muita gente estupefacta aglomrou-se junto do Instituto Comercial observando e protestando. O trânsito parou. Dois alunos foram receber tratamento no hospital, muitos outros ficaram feridos.

Afirmando o seu protesto, os alunos do Comercial estão em greve. Há que prestar-lhes solidariedade! Há que denunciar por toda a parte esta nova demonstração dos métodos brutais e sózoes da policia na repressão da juventude!



A DEMAGOGIA DO DESENVOLVIMENTO e o real atraso do país

Tendo como direcções centrais da sua actividade a repressão contra o povo português e a guerra contra os povos das colónias portuguesas, o governo de M. Caetano esforça-se para não ficar reduzido a esta imagem odiosa.

Fracassada a demagogia «liberalizante» e abandonadas com elas as promessas de «tolerância» e de «restabelecimento das liberdades», a demagogia caetanista concentra-se nas promessas de «progresso», de «desenvolvimento» e de «bem estar».

A Demagogia do desenvolvimento Velha cantiga do poder dos monopólios

Ao monologar perante as câmaras de televisão em 21 de Outubro, M. Caetano proclamou: «estamos a preparar muito trabalho para os portugueses: novas indústrias e até novas cidades e grandes empreendimentos». No monólogo de 16 de Novembro, já conhecido pela «charla dos milhões», prometeu, nada mais nada menos, que casas abundantes e baratas e encheu a boca com os milhões que vão «ser gastos» para promover o desenvolvimento nas esferas da energia, dos transportes e comunicações, da saúde, do ensino etc.

Já no mês de Janeiro o Secretário de Estado da Indústria apareceu na televisão com mapas, gráficos e números a falar dos planos para a indústria química. Os portugueses ficaram a saber que esses planos serão realizados com capitais e tecnologia ingleses, que as novas indústrias ficarão totalmente dependentes da exportação, que os monopólios internacionais se propõem tirar maior partido dos baixos salários pagos aos trabalhadores portugueses, que os países capitalistas desenvolvidos mandam para cá as indústrias que mais contribuem para a poluição.

O patriotismo da ditadura!

Dias depois apareceu o ministro de Estado falando das maravilhas dos planos de fomento e dando a palavra aos técnicos do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, uns rapazes sisudos e bem falantes, que, dia sim dia não, interrompem o serão dos telespectadores para explicar o que é o fomento, o desenvolvimento, o programa.

A demagogia do desenvolvimento é uma velha cantiga usada pelo poder dos monopólios para justificar os lucros gigantescos arrecadados através da exploração brutal e crescente da classe operária e das massas trabalhadoras.

Durante quarenta anos a propaganda salazarista entou loas ao fomento, ao desenvolvimento, ao progresso. M. Caetano logo que assumiu o poder retomou esta propaganda demagógica e nas eleições-Barla de 1969 apre-

sentou-se mesmo como a ponte para o progresso. No entanto, por debaixo deste palavreado barato o atraso do país em relação aos demais países da Europa manteve-se e acentuou-se e há razões para temer que tenda a agravar-se mais ainda.

No último lugar da escala europeia

A máquina de propaganda fascista não funciona, porém, sem desajustamentos. Assim, enquanto em Lisboa, o Ministro de Estado e o seu pessoal apregoavam as virtudes e os benefícios dos planos fascistas de fomento, o Governador Geral de Moçambique caracterizava-os, na Beira, deste modo: «divórcio» entre os princípios e as realidades, falência de mobilização do apoio e do interesse público, pulverização de objectivos como se tudo se pudesse conseguir dum jacto, predominância de projectos de prestígio ou impostos por personalidades dominantes, falência parcial dos esquemas de financiamento adoptados, execução deficiente e sem aquele empenhamento que invariavelmente provoca a convicção de que se está a fazer obra séria e de interesse geral.»

A extensão do nosso atraso progressivo pode ser avaliada através da comparação de alguns índices mais característicos da economia portuguesa com os de países da Europa capitalista que pela extensão do território ou pelo número de habitantes se assemelham a Portugal.

Segundo números da OCDE relativos a 1969, o produto nacional bruto, por habitante, era em Portugal quase 6 vezes inferior ao da Suécia, 5 vezes inferior ao da Suíça, mais de 4,5 inferior ao da Dinamarca, quase 4 vezes inferior ao da Bélgica, mais de 2,5 vezes inferior ao da Áustria. No mesmo ano o produto nacional bruto teve em Portugal uma expansão de apenas 4,4%, enquanto a Suécia a expansão foi de 5,8%, na Suíça de 5,4%, na Dinamarca 7,7%, na Bélgica de 6,5%, na Áustria de 6,4%. Enquanto em Portugal o investimento fixo bruto (a preços constantes de 1963) atingiu, em média, de 1964 a 1969 apenas 19% do produto nacional bruto, na Suécia atingiu 23,9%, na Suíça, 27,6%; na Dinamarca, 22,7%; na Bélgica 21,5%, na Áustria 24,8%.

Mas a situação do nosso atraso torna-se ainda mais expressiva se compararmos os índices da nossa economia com os de Espanha e a Grécia, relativamente aos quais, há anos atrás, nos superiorizávamos ainda em vários aspectos. O quadro que apresentamos, extraído de estatísticas da OCDE, mostra que mesmo em relação aos mais atrasados da Europa vamos perdendo terreno.

P.N.B. por hab., 1969, em dólares
Crescimento anual do volume (1) do P.N.B., 1969, em percentagem
Idem, 1964 - 1969
Consumo privado por habitante, em dólares, 1969
Despesas com o ensino em percentagem do P.N.B., 1967
Habitações acabadas por 1.000 habitantes, 1969
Telefones por 1.000 hab., 1967
Médicos por 1.000 hab., 1967
Investimento fixo bruto em percentagem do P.N.B., média de 1964 - 69 (em preços de 1963)

(1) A) Aos preços de 1962; 2) 1965

SEMPRE MOBILIZADOS para as eleições sindicais!

A mobilização dos trabalhadores de todos os sectores profissionais para participarem activa e massivamente nas eleições dos respectivos sindicatos e na vida destes não pode nem deve ser deixada à espontaneidade nem para a última hora. Tem de tornar-se uma tarefa permanente para as Comissões Sindicais e de Unidade e para todos os trabalhadores mais esclarecidos. De contrário, governo e patronato (que não dormem) poderão continuar mais ou menos à vontade a praticar toda a espécie de ilegalidades, falcatruas e burlas para colocarem à frente dos Sindicatos homens e mulheres que se vendem por um prato de lentilhas.

No Sindicato Têxtil do Porto, o facto de o Supremo Tribunal Administrativo ter decidido a favor da lista da classe, apresentada há já dois anos às eleições, não é razão para os trabalhadores poderem pensar que a questão principal já está decidida a seu favor, isto é, a eleição da lista da classe. Se por acaso pensam isso e desarmam, não se mobilizam e não se organizam com a consciência de que a batalha será renhida e difícil, então a sua derrota será certa.

O INT e o patronato não recuarão ante nada para impedir a vitória da lista B. Os trabalhadores devem estar preparados para enfrentar pressões, intimidações, ameaças de despedimentos e mesmo despedimentos, falcatruas e ilegalidades de que o INT e industriais virão a lançar mão com toda a certeza para colocarem ou manterem à frente do sindicato gente sua.

No Sindicato dos Motoristas de

Lisboa, o ministério das Corporações e os patrões de mãos dadas contra os motoristas que se vinham movimentando em massa para elegerem para a direcção do sindicato homens da sua confiança e por um novo contrato colectivo com as reivindicações mais sentidas, como aumento de salários, férias, redução de horário de trabalho, etc., recorreram à demissão da direcção actual de rafeiros e traidores, para muito «legalmente» nomearem uma Comissão Administrativa e desta maneira suja impedirem a realização das eleições no prazo devido e a consequente vitória da lista da classe.

Com esta falcatrua procuram ganhar tempo, enfraquecer o espírito combativo dos motoristas, negociar nas costas da classe um contrato colectivo de trabalho favorável aos patrões e no momento azado cozinham em família as eleições.

Têxteis ou motoristas, metalúrgicos ou gráficos, portuários ou da construção civil, bancários ou empregados de escritório e do comércio não podem abandonar a vigilância um só momento.

A mobilização permanente dos trabalhadores é imprescindível, quer se trate de participar activamente nas eleições para as direcções dos sindicatos com determinação de as ganhar, quer de frequentar os sindicatos em massa para ali discutirem os seus problemas de classe e decidirem sobre a forma de actuar para os solucionar, quer se trate ainda de pressionar as direcções, sem excepção, para defenderem os interesses dos trabalhadores.

Passar dos clamores à Acção!

Cerca de 1.000 camponeses concentraram-se recentemente no Grémio da Laboura de Paredes onde protestaram contra a importação de carne congelada, reclamaram medidas energéticas para a situação de crise que a laboura atravessa e clamaram que a laboura ainda não está completamente morta, mas importa salvá-la.

Este é clamor sempre repetido através de dezenas de anos e nunca atendido com medidas eficazes pelos governos da ditadura. É tempo, pois, de os pequenos e médios camponeses deixarem de acreditar em promessas e panaceias para curar os males da

agricultura, romperem de vez com o colete de forças da organização corporativa e PASSAREM A ACÇÃO ABERTA contra o regime e a política antipovo do governo fascista de Caetano, principais responsáveis pela calamitosa situação de ruína em que se encontram.

Se continuam a esperar medidas justas e eficazes daqueles mesmos que os conduziram à ruína, acabará certamente por perder definitivamente as suas terras.

Toda a política do governo de M. Caetano, ao serviço dos monopólios e grandes agrários, visa isso mesmo e a concentrar a terra e a produção agrícola mais rendosa nas mãos de meia dúzia de grupos monopolistas.

Como os camponeses de Talhadas do Vouga e de Préstimo, em defesa e reconquista dos seus baldios, e como os camponeses de Oliveira de Frades, S. Pedro do Sul, Vouzela, Sever do Vouga, etc., contra a taxa sobre o vinho e recusando pagá-la por a considerarem ilegal e factor de maior agravamento da sua situação, TODOS OS CAMPONESES do Norte ao Sul do País, devem unir-se como um só nas suas localidades e regiões, criar Comissões compostas pelos homens mais corajosos de entre eles, reunirem-se em assembleias para discutir os problemas que os afligem, decidirem sobre a maneira de os resolver e PASSAREM CORAJOSAMENTE DOS CLAMORES À ACÇÃO em defesa dos seus interesses.

Espanha	Grécia	Portugal
870	950	600
7,7	7,8	4,4
6,6	7,0	6,3
600	640	430
2,14	2,40	1,44 (2)
6,4	10,1	4,3
105	76	705
1,30	1,47	0,81
24,5	25,4	19,0



A ARA em acção

IMPORTANTE MATERIAL DE GUERRA DESTRUÍDO NO PORTO DE LISBOA

Interpretando a oposição do nosso povo à criminoso política colonialista da ditadura fascista, a ARA desferiu um novo golpe contra o aparelho da guerra colonial.

«Na madrugada do dia 12 de Janeiro, um comando da ARA colocou duas potentes cargas, uma explosiva e outra incendiária num armazém do cais de Alcântara em Lisboa», informa um comunicado difundido pelo Comando Central da ARA. «Em consequência da forte explosão e do incêndio que se lhe seguiu—prossigue o comunicado—foi destruída grande quantidade de material pronto a embarcar para a guerra colonial, entre o qual se encontrava importante material de guerra recém-chegado de França e destinado a unidades de caçadores paraquedistas.»

Toda a imprensa da capital teve que referir o acontecimento. O «Diário de Notícias» reconheceu a existência de material de guerra entre o material destruído. O «Século» informou que o navio «Maxima», atracado próximo do

local das explosões e pronto a largar para Angola, teve que adiar a partida em consequência das avarias provocadas pelos destroços sobre ele projectados e do fogo de incêndio que nele se gerou.

Os fascistas especularam com as calamidades—em mortos e feridos—que esta acção poderia ter provocado. A realidade é que, uma vez mais, a ARA atingiu os seus objectivos sem provocar vítimas. O comunicado do comando Central da ARA explica porquê: «Porque o comando da ARA actuou entre as 6 e as 8 horas da manhã, quando no porto de Lisboa não há trabalhadores em actividade, não houve nem mortos nem feridos.»

Fiel aos propósitos que anunciou quando da sua primeira acção, em 26 de Outubro de 1970, o comunicado do Comando Central da ARA conclui afirmando: «A ARA prosseguirá a sua acção revolucionária, integrada na luta do povo português contra o fascismo e solidária com a heróica e justa luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique.»

A juventude trabalhadora Organiza-se para a luta

Em vários pontos do País, a juventude trabalhadora põe em prática várias iniciativas com vista a discutir os seus problemas específicos e a desenvolver a luta pela conquista das suas reivindicações.

Entre as acções realizadas, são de destacar:

Na Baixa da Banheira, encontro de cerca de 60 jovens em 31-10;

No Barreiro, um grupo de jovens reúne-se nos dias 23 e 30-10. No dia 26-12 tem lugar nova reunião com cerca de 12 jovens.

Em Gaia, 60 jovens aproximadamente, na sua maioria operários, realizam um convívio em

meados de Novembro.

No Porto, para comemorarem a passagem do ano com um convívio, reúnem-se cerca de 300 jovens, na sua maioria trabalhadores.

Em Pedreços, (Maia) convívio com 30 jovens presentes, no mês de Dezembro. Um colóquio aqui realizado em princípios de Dezembro tem a participação activa de mais de 50 jovens trabalhadores.

Prosseguir neste caminho é avançar para a união da juventude trabalhadora e para a criação dum amplo movimento juvenil.

Semeando ventos

(cont. da 1ª pág.)

officiosa em que, misturando a movimentação democrática e cooperativista contra o decreto e o debate de que o mesmo era objecto na A.N., chamava a tudo «esperança» e, antecipando-se nervosamente à conclusão da A.N., sobre a qual ninguém tinha dúvidas, deu o caso por arrumado, declarando o decreto bom para o país e conforme as leis.

ção imperialista sobre o nosso país, são algumas das mais recentes afirmações das disposições de luta ao nosso povo.

Incapaz de resolver um só dos grandes problemas nacionais, agarrando as condições de vida das massas trabalhadoras, negando ostensivamente certos ver direitos e liberdades ao povo português, reforçando a todos os níveis a máquina de opressão fascista, respondendo com a violência às aspirações e vontade expressas pelas massas populares nas mais variadas lutas, o governo de M. Caetano toma sobre si as responsabilidades decorrentes da agudização da acção política e revolucionária. Pois retomando a advertência feita já no manifesto de outubro da Comissão Política do C.C. do nosso Partido, «Com o semi-retrair na história, o governo, semeando ventos, colherá tempestades.»

Para nós, comunistas, a LUTA DE MASSAS continua a ser a DIRECÇÃO FUNDAMENTAL de actividade que se opressa a os trabalhadores, à juventude, aos demo-

CAMPANHA DE FUNDOS 50º aniversário PCP

Dadas as condições de clandestinidade em que somos obrigados a actuar, é compreensível que ainda haja quantias a entregar para a campanha. Um esforço deve ser feito, porém, para não retardar mais.

Até ao momento recolheram-se já 1.272.738\$80.

A partir deste número do «Avante», só publicaremos rubricas destinadas à campanha do 50º desde que os camaradas e amigos do Partido o indiquem expressamente, pelo que no próximo número de Março voltaremos a abrir a secção Quantias Recebidas dos Amigos do Partido.

Ao saudarmos mais uma vez os militantes, simpatizantes e amigos do Partido pelo grande esforço feito e o sucesso político alcançado, reveladores um e outro de uma justa compreensão política sobre a importância dos fundos para a vida e desenvolvimento de todo o trabalho revolucionário do Partido, a todos dizemos para continuarem com o mesmo entusiasmo a realizar tão importante tarefa política, tirando proveito de todas as experiências adquiridas.

Transporte: 1.185.927\$30	Domingos Abrantes 180\$00	Idem de massas e A.R.A. (d) 50º 300\$00	Saudações académicas ao Partido 200\$00
A.J.A. 50\$00	Econ. Vestim-lho (A) 200\$00	Mário Sacramento 300\$00	Seara vermelha 165\$00
Alentejo Ver-meio 300\$00	Elias 10\$00	Metalúrgicos vermelhos 50\$00	Sempre amigos (L) 10.000,00
Alparça reol. 100\$00	Emigrante 400\$00	Idem 200\$00	Sofia Ferr. 1.000\$00
Amigo do povo 50\$00	Ensin. livre 200\$00	Militão 150\$00	S.L.S. 50\$00
Amigos do livro 50\$00	Est. A. Cuihal 905\$00	Idem (50º) 250\$00	Troia vermelha 50\$00
António Ger. pário 1.000\$00	Id. (D) 300\$00	Militar antifascista 100\$00	Um abraço amigo 100\$00
A.R.A. (B. F.) 50º 200\$00	Fariha 10\$00	Idem 1.000\$00	Uma Paula amiga 100\$00
Assim se tempe-ria o aço 220\$00	F.Vicente 140\$00	Idem comu-nista 180\$00	Unidos com o Partido 1.700\$00
Avante na luta democr. 800\$00	Id. Natal 600\$00	Idem (P) 220\$00	URSS 10\$00
Id. 500\$00	Ferreira Soares 50\$00	Natal Ver-melho 200\$00	Vermeio carregado (50º) 50\$00
Box 20\$00	Ferrocários Vermelhos 50\$00	Natal 71 1.700\$00	Vietnam 40\$00
Blanqui Teixeira 320\$00	Força na Id. 500\$00	Natal 71 1.330\$00	Vitimas do Tarrafal 1.130,00
Camp. do Natal 5\$00	ARA 500\$00	Neruda 5.000\$00	Viva Leni-ne 6.450\$00
Id. 102\$50	Fidelidade ao Partido (50º) 2.000\$00	Nova Luz 200\$00	Idem 180\$00
Id. 72\$50	Idem-Z 373\$00	Paz e socia-lismo 725\$00	Viva o Partido 00\$00
Id. 10\$00	Filho do povo (F) 75\$00	P-50º 100\$00	Idem 180\$00
Id. 10\$00	Idem 100\$00	Idem 50\$00	Viva o socia-lismo 200\$00
Cam. 50º 450\$00	Franc. Miguel (E) 1.000\$00	Pela liber-dade 1.000\$00	Viva o socia-lismo 200\$00
Id. 50\$00	Idem 300\$00	Idem dos Presos 300\$00	Viva os patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Camaradas emi-grantes (50º) 150\$00	Id. 1.000\$00	Idem políticos 300\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Id. 150\$00	Georgette Sofia 2.000\$00	Pela queda do fas-cismo 1.000\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Id. 150\$00	Gaios (50º) 43\$00	Pelo 50º do PCP (I) 660\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Id. 150\$00	Ivan 1.000\$00	Idem do Par-tido 3.380\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Camarada Kim Il Sung 2.500,00	J. Amigo 5\$00	Pires 40\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Id. 370\$00	João sem medo 3.000\$00	Postal 40\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Carapêta (B) 50º 370\$00	José Emigrado (50º) 150\$00	Prokofiev 300\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Cata-rina 2.000,00	José Gre-gório 500\$00	Reforma Agrária 200\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Che Gue-rra 10.000,00	Id. (F) 50\$00	Idem Geral e dem. do ensino 450\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Chico Miguel 750\$00	José Magro (A) 50º anis. 3.000\$00	Rosas ver-melhas 40\$00	Viva o patrio-tas do Bangla-Desh 700\$00
Cinquentend-rio (PV) 400,00	Josem Comu-nista 500\$00	Total: 1.272.738\$80	
Comissão sem cansaço 837\$50	Idem 10\$00		
Id. (E) 300\$00	Liberdade Carais 500\$00		
Com Lenine venceremos 20:00	Rocha 500\$00		
Contos ver-melhos 300\$00	Idem de Imprensa 100\$00		
Contrib. 60\$00	Idem Presos Políticos 100\$00		
Comunista aum. Partido bene-ficiado 750\$00	L.S.L. 40\$00		
	Luta ideo-lógica 20\$00		

Nota:—Da célula Manuel Rodrigues da Silva recebemos dois relógios e 50 emblemas.

Em Angola

SARGENTOS EM LUTA

Os Sargentos da Região Militar de Angola estão em luta por aumento de vencimentos.

Uma circular do Quartel General da Região Militar de Lisboa caracteriza a luta dos sargentos em serviço em Angola como uma greve de braços caídos.

A luta dos sargentos em serviço em Angola repercutiu entre os sargentos da Região Militar de Lisboa e de outras regiões militares do País de modo favorável. Também estes têm necessidade de passar à acção!

A exemplo da luta dos sargentos da Marinha em 1970, a luta dos sargentos do Exército pode transformar-se num poderoso movimento vitorioso.

ciates. E é implica que se redobrem de esforços para desenvolver a acção legal e semi-legal aproveitando todas as possibilidades de reunião e organização e forçando novas possibilidades. Mas consideramos, simultaneamente, que há que REFORÇAR A ACTIVIDADE CLANDESTINA E ABERTAMENTE REVOLUCIONÁRIA.

A situação exige que os diferentes sectores políticos antifascistas busquem acordos e entendimentos tendo em vista o fortalecimento das formas de cooperação e unidade, quer no plano legal, quer no plano clandestino.

O P.C.P., como repetidamente tem sido declarado pelos seus organismos de direcção central, está pronto a estabelecer conversações com todos os sectores políticos da Oposição, com todos os militantes democráticos que o desejem, tendo em vista esse objectivo.



ABERTA E AUDACIOSAMENTE PELO CAMINHO ENCETADO

A luta contra a repressão política, pelo desmascaramento das torturas aos presos, contra as farsas dos processos montados pelo bando da PIDE-DGS e dos julgamentos nos tribunais plenários de Lisboa e Porto desenvolvida persistentemente, ano após ano, pelo nosso Partido e pelo movimento democrático, alargou-se nos últimos tempos a novos sectores, ganhou a adesão de muitos portugueses e portuguesas de bem de todas as camadas da população — transformou-se num largo movimento em defesa dos presos políticos e de ajuda a suas famílias.

Para novos sucessos

Os sucessos já alcançados nesta dura batalha com a libertação de algumas presos que de outra maneira ainda hoje estariam na prisão, ou mesmo mortos, a diminuição de sofrimentos a familiares e presos por meio de uma constante solidariedade material, jurídica e moral, os recuos impostos ao governo — tudo representa um incentivo de primeira ordem para se avançar mais aberta e audaciosamente pelo caminho encetado, atraindo à acção novos e mais numerosos combatentes pela defesa dos presos políticos, pela amnistia.

Anulação dos processos-farsa Que terminem as torturas aos presos

A insistência corajosa com que advogados, presos e seus familiares, Comissões Nacional, Regionais e Locais de Socorro aos Presos Políticos, movimento democrático nacional vêm lutando contra as torturas cruéis aplicadas aos presos pelo bando da PIDE, como forma de arrancar «declarações» para a montagem de processos monstruosos, aliada à larga acção de solidariedade internacional, conseguiu já romper o muro espesso do silêncio construído por Caetano e seu antecessor, e o eco das torturas praticadas nos antros da PIDE repercutiu de Norte a Sul do País, na imprensa

diária e até na chamada Assembleia Nacional, onde alguns deputados pressionados pelos acontecimentos levantaram o problema.

M. Caetano, que havia ainda poucos meses tinha declarado em entrevista a um jornal sueco que as torturas não passavam duma invenção dos comunistas, foi desmascarado no seu próprio terreno, remetendo-se agora a um silêncio que o compromete directamente nos crimes dos torturadores e assassinos da PIDE-DGS e de outras forças repressivas.

A decisão definitiva do Supremo Tribunal de Justiça, considerando nulas as declarações dos presos sem a presença de advogado de defesa e tornando esta obrigatória durante os interrogatórios na polícia, representa um novo e importante sucesso do movimento em defesa dos presos políticos não obstante o governo e a sua PIDE-DGS continuarem a ignorar a lei e decisões dos próprios tribunais fascistas quando estes num assomo de independência decidem de acordo com as leis.

Aquela decisão do Supremo Tribunal de Justiça põe a claro que todos os presos políticos actualmente nas prisões foram julgados e condenados ilegalmente, como ilegalmente estão a ser julgados muitos outros presos nos últimos meses.

Não parar na acção

Insistir nas iniciativas e nas acções abertas contra os processos-farsa e pela sua anulação pura e simples, pelo termo imediato das torturas aos presos, pela presença massiva nos julgamentos; desmascarar pe a palavra, por meio de documentos escritos e inscrições nos muros a repressão, narrando os factos nua e cradamente; pressionar por meio de telegramas, cartas, telefonemas, exposições às autoridades e os tribunais exigindo tratamento humano para os presos, a absolvição dos acusados, a libertação imediata de todos os presos políticos, descer à rua e recolher abertamente solidariedade para os presos e suas famílias, seguindo o exemplo das massas populares de Moscavide e Sacavém; multiplicar em todas as regiões a criação de Comissões de Socorro aos Presos políticos, são tarefas inadiáveis que uma vez realizadas contribuirão para minorar os sofrimentos dos presos e de suas famílias, tirar a mão dos torturadores da PIDE, refrear os tribunais plenários, arrancar os presos políticos das prisões fascistas, conquistar a amnistia!

A luta antifascista no estrangeiro

Representações de organizações antifascistas e anticolonialistas do Brasil, Uruguai, Argentina, Canadá, Venezuela e Estados Unidos assinaram um memorial enviado à Assembleia Geral das Nações Unidas denunciando a política de repressão e de guerra de M. Caetano e pedindo para que lhe sejam aplicadas sanções ante a sua recusa de conceder a independência às colónias portuguesas.

Em S. PAULO, o 5 de Outubro foi comemorado pelos democratas portugueses.

Em nome dos brasileiros presen-

tes, falou o Prof. Carlos Guilherme Mota, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que desmascarou a demagogia «liberalizante» de M. Caetano, mostrando que as estruturas fascistas e colonialistas permanecem intactas. Em nome dos portugueses, o Prof. Victor Ramos, também da universidade de São Paulo, fez uma exposição, provando com números irrefutáveis que o atraso económico, social e cultural de Portugal em relação à Europa e ao Mundo continua a acentuar-se sob o governo liberticida e fascista de M. Caetano.

GUILHERME DE CARVALHO gravemente enfermo A VIDA DE OUTROS PATRIOTAS EM PERIGO

Submetido recentemente a uma melindrosa operação cirúrgica no hospital-prisão de Caxias, o estado de G. de Carvalho é desesperado, o desenlace poderá chegar de um momento para o outro.

Desde muito jovem que Guilherme de Costa Carvalho passou a ser perseguido odiosamente pela polícia política. Preso 4 vezes, sempre Guilherme de Carvalho se portou valentemente nada revelando ao inimigo quer sobre o seu Partido, quer sobre o movimento democrático e antifascista. Nenhuma tortura e maus tratos o obrigaram a abrir a boca ou a dobrar-se.

Duas vezes se evadiu corajosamente, juntamente com outros companheiros de luta, a primeira de Peniche, em 3 de Janeiro de 1960 e a segunda, em 4 de Dezembro de 1961, de Caxias.

Preso a última vez em 7 de Maio de 1963, G. de Carvalho passou já mais de 16 anos nas prisões fascistas, alguns dos quais no sinistro campo do Tarrafal.

Quando preso pela primeira vez, G. de Carvalho era um jovem cheio de vida e saúde. Foram as torturas e os maus tratos sofridos durante os longos anos de prisão, a falta de uma assistência médica e farmacéutica capaz e a recusa sistemática a tratamentos e hospitalização a tempo e em condições

apropriadas — foi tudo isto que lhe arruinou a saúde e o pôs às portas da morte.

Segundo a opinião de um especialista que o observou recentemente, uma intervenção cirúrgica feita seis meses antes poderia salvá-lo. Trata-se, pois, de mais um assassinato a frio do governo e do seu bando da PIDE-DGS, perpetrado pelo conhecido processo de liquidação lenta.

Possivelmente já nada poderá ser feito para salvar G. de Carvalho, salvo protestar veementemente e em massa contra mais um crime monstruoso do governo de Caetano. Mas nas prisões fascistas encontram-se outros homens e mulheres sujeitos ao mesmo tratamento desumano, quando não muitas vezes a tratamento ainda pior, como António Dias Lourenço, António Gervásio, José Magro, Ângelo Veloso, Dinis Miranda, Ilídio Esteves, Canais Rocha, Rogério de Carvalho, Domingos Abrantes, José Carlos, Manuel Pedro, Cabral de Matos, Úrsula Machado, José Pedro Soares e muitos outros que é preciso salvar.

Em especial neste momento, o estado de saúde de Rogério de Carvalho e de Ilídio Esteves é simplesmente alarmante. Exijamos a sua libertação imediata para os salvar.

Solidariedade internacional

O eco da repressão fascista no estrangeiro continua a dar lugar a numerosas acções de solidariedade, quer exigindo a libertação dos presos e o fim da repressão junto do governo português quer denunciando a repressão junto da opinião pública em vários países. Eis algumas dessas acções:

Declarações da Federação Sindical Mundial e da C.G.T. francesa; carta de protesto a M. Caetano da Federação da Metalurgia da C.G.T. francesa; conferência de imprensa em Paris, realizada pelo Comité Francês para as liberdades democráticas em Portugal; declarações do Comité das Mulheres Soviéticas, do C.C. do Sindicato dos Trabalhadores das instituições estaduais da URSS, protesto do Comité das Organizações Juvenis e do Conselho Estudantil da U.R.S.S.; início de protesto contra a repressão na Faculdade Jurídica da Universidade de Moscovo com cerca de 400 estudantes; numerosos meetings de pioneiros soviéticos, abaixo-assinados com milhares de assinaturas de estudantes de várias escolas de Moscovo; abaixo-assinados subscritos por centenas de democratas de Palermo e 140 democratas de Novara (Itália); abaixo-assinados com 500 assinaturas enviados a M. Caetano pela Juventude Comunista Italiana de Alessan-

dria; exposição a Caetano com 7.936 assinaturas recolhidas no festival do Unitá; telegrama da Cruz Vermelha Soviética à Cruz Vermelha Portuguesa; telegramas ao governo enviados pelo Comité das Mulheres Búlgaras e pela Organização Internacional de Jornalistas; publicações na imprensa soviética (Pravda, Tempos Novos), francesa (L'Humanité), italiana (Unitá), do Comité Italiano para a Liberdade em Portugal e nas colónias (Ravenna), etc.

Na Conferência Internacional dos Jovens sobre a Segurança Europeia realizada em Florença e numa mensagem dirigida à Juventude de todo o mundo pelos participantes do Encontro Internacional de Estudantes, realizada em Varsóvia, foram enérgicamente condenados o fascismo e as forças reaccionárias que o apoiam.

Autoridades escolares policiais

Por ordem das autoridades escolares do ensino secundário do Porto foram presos pela PSP e depois entregues à PIDE três estudantes quando no dia 4 de Janeiro procediam à distribuição nos liceus de um comunicado da Comissão Pró-Associação Liceal. Este foi o grande crime que cometeram.

Foram libertados ao fim do dia e os seus pais foram posteriormente chamados a prestar declarações...

O Avante não se destroi. Contribui para a sua difusão nas empresas, nos campos, nas escolas, nos quartéis.



Em Adis-Abeba:

UMA VITÓRIA DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

Realizada pela primeira vez em terra africana e figurando entre as questões centrais a ser ali debatidas o não-cumprimento das resoluções da Assembleia Geral sobre a independência aos povos coloniais, a reunião do Conselho de Segurança da ONU em Adis-Abeba anunciava-se como um novo fracasso para a política colonialista de M. Caetano, como de facto se veio a verificar.

Fracassaram as manobras demagógicas do governo acerca da pseudo autonomia das chamadas Províncias Ultramarinas e designadamente, a recente «Lei orgânica do Ultramar» concedendo o título honorífico de «Estado» a Angola e Moçambique, aprovada pela Assembleia Nacional fascista em vésperas da reunião do Conselho de Segurança, numa desesperada tentativa de iludir a opinião pública internacional. O Conselho de Segurança decidiu ouvir, embora a título particular, os representantes dos movimentos de libertação nacional africanos. Tomando a palavra, os dirigentes do MPLA, PAIGC e FRELIMO condenaram os crimes colonialistas contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, em luta pela independência nacional exigindo sanções para o governo fascista colonialista de M. Caetano.

A legitimidade da luta dos povos coloniais pela sua independência foi publicamente reconhecida, não só pela aceitação da intervenção dos dirigentes dos movimentos de libertação nacional como nos termos da moção aprovada condenando mais uma vez o colonialismo português e o seu governo fascista. Nela se pede aos países membros da ONU para darem o apoio moral e material aos povos dos territórios portugueses em África na sua luta pela independência, reclama-se o embargo total da venda de armas a Portugal com destino às guerras coloniais, pede-se aos países membros da ONU e aos seus organismos especializados para colaborem entre si com vista a prestarem às populações dos territórios sob dominação portuguesa e em particular das zonas libertadas desses territórios toda a assistência moral e material necessária para continuarem a luta pelo restabelecimento do

seu direito inalienável à autodeterminação e à independência».

Sentados lado a lado no banco dos reus em Adis-Abeba, fascistas-colonialistas portugueses, racistas rodesianos e sul-africanos sabiam que tinham contra si toda a opinião pública progressista mundial e que apenas podiam contar com o apoio dos seus aliados imperialistas. Com efeito este surgiu, velada ou abertamente, mas sempre da forma mais vergonhosa.

Os imperialistas britânicos, com o seu veto, bloquearam a votação da resolução condenando a Rodésia. Assim confirmaram mais uma vez o seu conluio com os racistas de Smith demonstrando que, tal como estes, são responsáveis pelos crimes e o terror que se abatem sobre o povo zimbábue que com greves e grandes manifestações de massa já respondeu negativamente ao chamado inquérito da Comissão Pearce sobre o acordo anglo-rodesiano, vergonhosa negociação entre Londres e Salisbury com vista a legalizar e apoiar o sistema do «Apartheid» na Rodésia.

Abstendo-se de votar na resolução condenando o colonialismo português, os imperialistas da OTAN (Estados Unidos, França, Inglaterra, Bélgica e Itália) puseram mais uma vez a nu que aquele bloco agressivo militarista é o principal suporte do colonialismo português e o maior inimigo da independência dos povos.

Por outro lado, o anti-sovietismo do delegado chinês mais uma vez levou a água ao moinho dos imperialistas.

Nada, porém, nem as manobras obstrucionistas dos imperialistas no Conselho de Segurança, nem as injúrias e falsidades vomitadas na imprensa, na rádio e televisão fascistas conseguiram impedir que a reunião do Conselho de Segurança em Adis-Abeba constituísse uma importante vitória dos movimentos de libertação das colónias portuguesas e dos povos africanos em luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo.

MAIS ACÇÕES em defesa de Angela Davis!

A conspiração racista-imperialista contra a vida de Angela Davis embarcou com uma gigantesca campanha de protesto que se descaideou em todo o mundo.

Milhões de pessoas levantaram-se para fazer baixar as mãos dos carrascos imperialistas-racistas americanos.

Milhares e milhares de cartas e telegramas de solidariedade chegaram à ceta de Angela Davis mostraram que esta indomável comunista e lutadora pelos direitos civis do povo negro nos Estados Unidos não está só e que, pelo seu exemplo, ela está no coração de toda a humanidade progressista.

O povo português também está

com Angela Davis. Várias iniciativas de protesto foram já tomadas, entre as quais dois abaixo assinados, um deles dirigido ao ministro dos Negócios Estrangeiros português e outro ao embaixador americano exigindo que intervejam sem demora para que Angela Davis seja libertada.

Um primeiro resultado do imenso clamor levantado para salvar a vida de Angela Davis já se fez sentir: Angela Davis foi autorizada a apresentar a sua própria defesa no tribunal. Porém, ela continua ainda à mercê dos seus carrascos imperialistas e racistas e da sua justiça corrupta há que esperar o pior.

Que se multiplique as acções em defesa de Angela Davis!

SOLIDARIEDADE ao povo irlandês em luta contra o opressor britânico!

Com os mais ferozes métodos da repressão que culminou com o massacre de Londonderry, mostrando a sua odiosa face de opressor, o imperialismo britânico, através do governo conservador de Heath, procura sufocar os profundos anseios de liberdade do povo irlandês.

Para condenar esta violência criminosa, o povo irlandês, tanto no norte como no sul, levantou-se em bloco: a Embaixada inglesa em Dublin foi incendiada; grandes manifestações tiveram lugar simultaneamente em várias cidades da Irlanda do norte e da República da Irlanda. A manifestação marcada para 6 de Fevereiro em Newry (Irlanda do Norte), ao apelo da Associação para os Direitos Cívicos, apesar de proibida e da presença ameaçadora de 15.000 soldados ingleses, teve lugar, imposta por mais de 50.000 manifestantes, na mais poderosa manifestação de massas de que há memória há dezenas de anos.

O Comité Nacional do Partido Comunista da Irlanda afirmava numa declaração recente: «Não se pode fazer cessar o terror instaurado pelo Estado por meio de actos isolados de contra-violência...» e ainda: «Os únicos meios

que permitirão defender os interesses do povo e infligir uma derrota aos governos britânicos e unionista são os que se aprofundam na unidade do povo e na participação das massas num largo movimento de resistência».

As potentes acções de massas contra o decreto de internamento de Agosto passado, à sombra do qual mais de 2.500 patriotas irlandeses foram levados para campos de concentração onde têm sido submetidos a selváticas torturas, indicam que a aprecação e as palavras de ordem contidas nesta declaração encontraram o bom acolhimento das massas populares e que estas estão dispostas a seguir a orientação nela traçada no sentido da união de todos os partidos políticos e organizações revolucionárias, na base dum programa comum com vista à suspensão do governo mandatário da Inglaterra e à realização de eleições democráticas.

Protestemos contra os crimes das tropas inglesas na Irlanda do Norte através de cartas, abaixo-assinados, telegramas, etc., dirigidos à Embaixada Britânica em Lisboa, solidarizando-nos assim com a justa luta do povo irlandês pela liberdade!

NIXON FALA DE PAZ PARA PROSEGUIR A GUERRA

Traíndo o compromisso assumido de não tornar público o conteúdo dum recente encontro particular entre representantes da República Democrática do Vietnam e dos Estados Unidos, Nixon escondeu as mãos sujas de sangue dos povos da Indochina e veio divulgar bombásticamente o seu Plano de «Paz» em 8 pontos. Imediatamente em Saigão, o fantochê Thieu repetia num eco as propostas do seu dono.

A proposta de Paz em 8 pontos do Governo da República Democrática do Vietnam apresentada naquele encontro e apenas publicada posteriormente é grosseira violação do compromisso por Nixon, tal como a declaração do Governo Revolucionário Provisório do Vietnam na Conferência de Paris vieram desmascarar a sua manobra de propaganda e mistificação do presidente Nixon.

Procurando mais uma vez enganar a opinião pública internacional e do seu próprio país acerca dos pretensos desejos de paz dos agressores imperialistas e apresentar-se como grande promotor dos iniciais de paz na Indochina, Nixon fala de paz apenas para poder continuar a guerra. Aceitar as suas propostas «pacíficas» equinaria a aceitar a ocupação do Vietnam do Sul pelas tropas americanas por um prazo indefinido e obrigar a população vietnamita a reconhecer o regime fantochê de Thieu.

Tal como afirma a Declaração do Governo Revolucionário Provisório do Vietnam, a vontade do povo vietnamita dum solução pacífica do conflito está claramente expressa na proposta em 7 pontos do Governo Revolucionário Provisório do Vietnam (apresentada em

Julho de 1971) e na Proposta em 9 pontos da República Democrática do Vietnam agora divulgada. A Declaração salienta ainda que para facilitar a solução da guerra e o estabelecimento da Paz é indispensável haver acordo sobre dois pontos-chave: fim imediato da guerra e fixação dum data pelo governo americano para a retirada completa do Vietnam do Sul da totalidade das tropas americanas, conselheiros e pessoal militar, armas e material de guerra; que o governo americano ponha termo a toda a espécie de ingerência nos assuntos internos do Vietnam do Sul de forma a serem garantidas ao povo as liberdades democráticas previstas no Acordo de Genebra de 1954.

Os propósitos de paz dos imperialistas ficam de novo à prova.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE Voz do P.C.P.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 19 e 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,30 em 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 e das 20,30 às 21 horas, em 31, 41 e 49 metros.